

REDES SOCIAIS: QUAIS OS DISCURSOS E QUEM REPRESENTA AS MÃES ACADÊMICAS NA ACADEMIA BRASILEIRA?

SOCIAL NETWORKS: WHAT ARE THE DISCOURSES AND WHO REPRESENTES ACADEMIC MOTHERS IN BRAZILIAN ACADEMIC?

Silvana Maria Bitencourt¹

Lusiene Araújo da Conceição Dias²

RESUMO

Analisando o debate contemporâneo em relação à carreira e a maternidade a partir de narrativas de mulheres que interagem nas redes sociais para falarem de seus cotidianos e táticas de enfrentamentos para lidarem com a carreira e a maternidade. Este artigo busca verificar quem tem representado as mães acadêmicas nas redes sociais. Para isto, utilizamos como instrumentos de coleta de dados cinco perfis do instagram: *@parentinscience*; *@maesqueescrevem*; *@nucleomaterna*; *@mmi.ufpe* e *@maternienciac.ufu*, que foram interpretados à luz da análise de conteúdo e do discurso para investigar quem são estas mães, as mensagens repassadas, a interação do público e as percepções a partir do que foi ditto. Conclui-se que há uma romantização e essencialismo nos discursos sobre maternidade e produtividade científica, conduzindo à uma visão eurocêntrica de supremacia branca, pois pautam-se em discursos hegemônicos e unificados.

Palavras-chave: Carreira acadêmica; Cuidado; Interseccionalidade.

ABSTRACT

Analyzing the contemporary debate regarding career and motherhood based on narratives from women who interact on social media to talk about their daily lives and coping tactics for dealing with career and motherhood. This article seeks to verify who has represented academic mothers on social media. For this, we used five Instagram profiles as data collection instruments: *@parentinscience*; *@maesqueescrevem*; *@nucleomaterna*; *@mmi.ufpe* and *@maternienciac.ufu*, which were interpreted in the light of content and discourse analysis to investigate who these mothers are, the messages passed on, the public interaction and the perceptions based on what was said. It is concluded that there is a romanticization and essentialism in the discourses on motherhood and scientific productivity, leading to a Eurocentric vision of white supremacy, as they are based on hegemonic and unified discourses.

Keywords: Academic career; Careful; Intersectionality.

¹Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). silvana.bitencourt@ufmt.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3183-373X>

²Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) lubyth@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5631-3898>

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre o cuidado na América Latina iniciaram-se nos anos 2000, neste contexto, podemos verificar, a partir dos trabalhos empíricos, novas abordagens teóricas e epistêmicas, através dos desafios para se pensar no cuidado nesta região. As primeiras abordagens teóricas sobre o cuidado foram produzidas apoiadas na realidade das feministas estadunidenses e europeias, que não correspondiam ao contexto das mulheres latinas, que vivenciam o familismo do cuidado, que pode paralisar suas inserções no mercado de trabalho e a qualificação profissional, especialmente quando se trata de mulheres com menos recursos econômicos, não brancas e fora do modelo normativo heteropatriarcal. Nesse sentido, este trabalho busca verificar quem tem sido a mãe acadêmica que representa a maternidade no campo acadêmico a partir de seus trabalhos de divulgação de conteúdos nas redes sociais.

O presente artigo visa verificar quem tem sido a mãe acadêmica que cuida e como ela se cuida, representada, portanto, como “porta-voz” da questão da maternidade no campo acadêmico brasileiro. Analisando o debate contemporâneo em relação à carreira e à maternidade a partir das narrativas de mulheres mães, de suas escritas nos espaços virtuais através das redes sociais para interagirem e falarem de seus cotidianos e suas táticas, esperamos explicitar as estratégias delas para lidar com a carreira e a maternidade. Participando desta perspectiva, utilizamos como instrumentos de coleta de dados cinco perfis do Instagram, a saber: *@parentinscience*; *@maesqueescrevem*; *@nucleomaterna*; *@mmi.ufpe*, e *@maternienciac.ufu*, que foram escolhidos por ser liderados por mulheres/mães e por causarem um maior impacto no mundo virtual em relação à temática maternidade e universidade.

Desta maneira, este trabalho parte da necessidade de apontar que as mulheres têm representado as mães no meio acadêmico, ou seja, que os corpos e as emoções aparecem nestes movimentos contemporâneos que dialogam sobre academia e maternidade. Dessa maneira, o intuito é não apenas observar como as narrações se relacionam com o mundo,

mas como se organizam em termos de interação social, visto que, como atrizes sociais, estamos continuamente construindo discursos para nos ajustarmos a um determinado contexto, e isso implica deliberadamente sobre quem está direcionando a pergunta, podendo trazer um contexto interpretativo particular. Nesse sentido, este artigo se apresentará em duas partes: a primeira parte tratará da maternidade na universidade a partir do olhar interseccional e da descrição dos movimentos em prol da maternidade na universidade brasileira e, na segunda parte, traremos os dados sobre os movimentos de mães acadêmicas e como estes têm as representado, finalizando com algumas considerações finais.

METODOLOGIA

Para este enfoque, fizemos uso dos aportes teóricos-metodológicos de autores/as que trabalham a interseccionalidade, questões de gênero na academia e a relação dos discursos nas redes sociais em torno da maternidade e universidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com vistas a entender os aspectos subjetivos, as interações e as ideias que permeiam os discursos instaurados nas escritas científicas destas mães, além das impressões relatadas nas redes sociais, para assim dizer o que é dito, o lugar que se é falado e de onde parte a fala. Para tanto, a análise se deteve nas experiências tidas por elas a fim de investigar quem são estas mães, as mensagens repassadas, o público que interage e as percepções dadas a partir daquilo que está sendo dito. Para isto, utilizamos cinco perfis do Instagram, a saber: *@parentinscience*; *@maesqueescrivem*; *@nucleomaterna*; *@mmi.ufpe*, e *@maternienciac.ufu*, que foram escolhidos por ser liderados por mulheres/mães e por causarem um maior impacto no mundo virtual em relação à temática maternidade e universidade.

Para as análises destes perfis e o alcance dos objetivos da proposta utilizamos a análise de conteúdo e de discurso. Em relação à análise de conteúdo, Bardin (2006) salienta que esta técnica objetiva estudar toda a contextualização do que foi dito, construindo e apresentando percepções em torno do objeto de investigação, fazendo uso de conceitos a

partir da realidade apreendida. E, no que diz respeito à análise de discurso, Gill (2015) afirma que é uma variedade de enfoque no estudo de textos para originar interpretações e significados distintos, a depender dos variados fatores, como emocional, físico e influência do ambiente sobre as partes das pesquisadoras e das pesquisadas. Desse modo, compreendemos que o discurso pode ser construído socialmente dentro dos processos sociais por eles inseridos, portanto, levantam-se novas questões, ou maneiras de compreender o mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

MATERNIDADE NA UNIVERSIDADE POR UM OLHAR INTERSECCIONAL

O debate contemporâneo sobre maternidade nos últimos anos tem se apresentado a partir de outras perspectivas, se nos reportamos à emergência do feminismo negro e decolonial para se pensar na realidade da academia brasileira, logo, novos questionamentos sobre teorias e práticas que envolvem este campo precisam ser debatidos, questionados e reelaborados por meio de uma educação crítica e emancipatória (HOOKS, 2020), que apresente quais são as narrativas inclusas de acadêmicas mães e quais ainda precisam de mais espaço.

Nesse sentido, o uso da interseccionalidade enquanto ferramenta analítica contribui para complexificar as relações, mostrando que os marcadores sociais, como classe, gênero, raça, nação, religião, sexualidade, incapacidade etc., não devem ser analisados separadamente, pois tratam de sistemas de opressão que sustentam uma estrutura de poder/saber e de subjetividades socialmente moldada pelos privilégios de alguns e exclusão de outros (CARNEIRO, 2023). Sendo que a interseccionalidade foi uma resposta a esta exclusão, que partiu, primeiramente, de mulheres afro-americanas sobre suas realidades como mulheres negras que não se reconheciam dentro dos movimentos enquanto coletividade, uma vez que vivenciavam a tripla exploração por serem mulheres, trabalhadoras e negras (COLLINS, 2021).

Foram estas desigualdades que limitaram e ainda limitam as participações da grande maioria das mulheres negras em instituições, como mercado de trabalho, escola, universidade, saúde, família, meios de comunicação, entre outras. E, mesmo que a interseccionalidade não tenha sido uma ação das feministas brasileiras, as intelectuais negras brasileiras já tinham questionado os movimentos feministas em relação à participação das mulheres negras, analisando que o gênero e a classe social não eram suficientes para estudar a realidade destas, já que vivenciaram e vivenciam as marcas históricas da exploração que escravizou seus corpos enquanto propriedade (GONZALEZ, 2020).

Dessa forma, análises monofocadas no gênero, quando acrescentada a questão da interseccionalidade, aparecem, muitas vezes, de forma heurística, sendo colocadas, por exemplo, como sinônimo de raça (COLLINS, 2022). Fato que não contribui para chegar ao ponto fundamental de sua proposta, que é promover o diálogo entre investigação e práxis a fim de efetivar a justiça social para os sujeitos mais vulneráveis, que vivenciam a precariedade de sua existência, considerando que as políticas promotoras de justiça social na educação superior são uma questão que precisa ser socialmente debatida para que as opressões sejam analisadas a partir de suas relações interseccionais de poder (CARNEIRO, 2023).

Desse modo, ao articularmos universidade e interseccionalidade e as diversas relações de saber/poder e subjetividades presentes no campo acadêmico, no momento em que a universidade abriu as portas para outros corpos que, historicamente, não tiveram oportunidades de estarem neste espaço de construção de conhecimento socialmente legitimado, verificamos a limitação de analisar a realidade a partir da monocategoria, nesse caso, o gênero. Nesse sentido, avaliamos que as reivindicações para atender a uma agenda pública se limitam ainda a um grupo de mulheres, minando o debate crítico sobre os efeitos de uma ciência que apagou a história dos corpos, das emoções de mulheres negras por meio de epistemicídios e dos saberes sobre cuidado e maternidade desenvolvidos por elas.

Consideramos que o cuidado, assim como a maternidade das mulheres, foi desenvolvido fora do modelo de família nuclear, pois as mulheres negras sempre necessitaram trabalhar, por exemplo, como escravizadas, tendo seus corpos tratados como propriedade do seu senhor, cuidando dos filhos das mulheres brancas, sendo amas de leite. Quando se tornaram trabalhadoras livres, elas passaram a ser exploradas no mercado de trabalho capitalista em ocupações desprestigiadas, mal remuneradas e braçais, como o setor do trabalho doméstico e continuaram a sofrer as desigualdades raciais por sua história e seu fenótipo, logo, seus corpos fora do padrão estético de feminilidade branca representado e aceito no Ocidente (BERTH, 2020).

Todavia, na contemporaneidade, a premissa fundamental nas análises sobre trabalho de cuidado é que este ainda tem sido delegado às mulheres, incluindo as atividades domésticas e o cuidado dos membros da família, especialmente os filhos e idosos/as (BATTHYANY, 2020), logo, seus usos do tempo têm se apresentado diferenciado e desigual para as mulheres lidarem com a vida profissional e familiar (ARAUJO, 2006), sobretudo quando o assunto é maternidade. No entanto, quando a análise se pauta numa perspectiva interseccional, se questiona de que mãe se fala, contextualizando esta e complexificando sua realidade a partir das relações interseccionais de poder, que configuram a realidade de cada mulher, somando as diversas desigualdades e a relacionalidade, que pode ser transformadora quando se demanda por políticas públicas reparadoras. Uma vez que a maternidade ainda fica, na maioria das vezes, sob responsabilidade das mulheres, sendo o foco principal ainda um tipo de maternidade que está dentro de um modelo de família nuclear, composta de pai, mãe e filhos, para reivindicar as políticas acadêmicas que reparem as desigualdades de gênero na universidade, lançam-se mão de estudos interseccionais, que têm garantido, as pautas reivindicatórias, a inclusão de novas maternidades exercidas por mães solas, migrantes, lésbicas, negras e com filhos com deficiência.

Por esta razão, as análises sobre carreira e maternidade precisam partir de uma metodologia que contextualize o perfil da mãe que se fala e em qual fase da carreira ela está.

Dessa forma, mesmo que a vida acadêmica apresente uma necessidade de organização do tempo diferenciado, especialmente no período da escrita da tese ou dissertação, tanto para homens como para mulheres, quando o assunto é a demanda que envolve cuidado de filhos e casa, está ainda fica a cargo das mulheres (ARAUJO, 2006).

Nesse sentido, mesmo que a maternidade atualmente apresente outras percepções sobre o ser mãe, a força do *habitus* materno, atrelado à ideia do “mito do amor materno” (BADINTER, 1985), tende a contribuir para romantizar uma construção social de maternidade bastante essencialista, que não questionou a grande carga emocional e material que as mulheres têm assumido ao longo da história do capitalismo heteropatriarcal de supremacia branca para serem reconhecidas como “boas mães”, potenciais cuidadoras e “guerreiras” (HOOKS, 2019).

MATERNIDADE EM QUESTÃO: O QUE TEM SIDO ESCRITO E POR QUEM TEM SIDO REPRESENTADO OS DISCURSOS MATERNOS?

As redes sociais consultadas no Instagram, foram aquelas que causaram e causam maior impacto no mundo virtual relacionadas à temática maternidade e universidade, desse modo, escolhemos cinco perfis, a saber: @parentinscience; @maesqueescrivem; @nucleomaterna; @mmi.ufpe, e @maternienciaci.ufu, liderados por mães influenciadoras que utilizam o espaço virtual para expandir as várias facetas da maternidade quando relacionadas ao campo acadêmico através de textos livres, como poesia, artigo, nota, relatos de experiências, desabafos, conto, crônica e divulgação de eventos e organizações de movimentos sociais para lutas maternas. São mães que ocupam espaços representativos na academia e tratam suas experiências, suscitam pautas condizentes ao fazer ciência sendo mãe, levantam discussões sobre apoio e acolhimento para a garantia da permanência e conclusão do curso superior e ainda trazem vivências de mães que enfrentam situações adversas para se manterem dentro do ambiente universitário.

Reconhecemos que os perfis analisados não foram por estimativa maior de seguidores/as, mas são aqueles que são mais ativos dentro das abordagens da maternidade e carreira científica.

Sob esse ponto de vista, analisaremos o discurso e as mães que estão como representantes nestes perfis, observando os tipos de postagens feitas que incidem sobre os temas mais debatidos, quem é o público que interage e os comentários e curtidas realizadas. Segundo Oliveira-Cruz et al. (2021), a maternidade é representada de múltiplas formas no Instagram, presenciam-se postagens como exaltação e romantização da maternidade, idealização do “ser mãe”, a construção social/histórica e as próprias ambivalências maternas.

Acrescentamos aqui postagens de incentivos às mães continuarem seus estudos, como no caso de ofertas de cursos para escrita, leitura e produção. Sobre as temáticas, Braga (2021) considera que as mulheres fazem das mídias digitais um espaço de expressão entre grupos de interesse, tratando de assuntos polêmicos, questionando o papel de mãe, da maternidade e do cuidado infantil, acrescido do trabalho doméstico.

Tal pauta, para além do espaço virtual, tem despertado interesse de vários setores sociais, como programas televisivos, postagens, palestras e eventos que exploram a maternidade nas dimensões socioculturais, simbólicas, econômicas e políticas.

Nota-se, nestes perfis, o ativismo condizente às pautas dos movimentos sociais. No geral, as mães buscam representatividade e mais espaços acolhedores dentro da universidade e, assim, atuam com a finalidade de serem porta-vozes de mães que, coagidas pelos diversos marcadores sociais, deixam de se expressar por medo de retaliações, ou por falta de conhecimento quanto aos direitos garantidos dentro das pautas de mães universitárias. As pautas sustentam a criação de uma rede de apoio e acolhimento às mães que têm como desafio conciliar maternidade e estudos dentro e fora dos muros da universidade, indo desde a atenção psicossocial, como a alocação de estruturas físicas, por exemplo, fraldários, sala equipada para a criança enquanto a mãe permanece na aula,

extensão de prazos em trabalhos acadêmicos e flexibilidades em horários de aula e provas que exigem esforços maiores que não condizem com as demandas maternas.

- Perfil 1 @parentinscience

Este perfil foi criado pela bióloga Fernanda Staniscuaski, branca, mãe de três filhos, casada e professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2011. A conta virtual no Instagram começou em maio de 2018 e, atualmente, possui 26,5 mil seguidores/as e 715 publicações, no entanto, o movimento surgiu em 2016, com o propósito de promover discussões acerca do impacto da parentalidade na carreira de cientistas no Brasil. Com a procura e expansão do movimento, a influenciadora sentiu a necessidade de recrutar embaixadoras nas cinco regiões do Brasil, constando: 13 embaixadoras no Nordeste; cinco embaixadoras no Centro-Oeste; seis embaixadoras no Norte; 14 embaixadoras no Sudeste, e 11 embaixadoras no Sul. E ainda conta com parcerias que sustentam a marca do movimento, como o curso “Ciência da Aprendizagem”, que direciona a estudar, de forma simples; a marca de camisetas que divulga o próprio movimento, afim de arrecadar recursos financeiros para o “Programa Amanhã”, que surge como apoio para as mães e alunas de Graduação através de auxílio financeiro, no entanto, somente para mães da UFRS.

Muito embora sejam bem-vindas todas estas ações, estamos cientes que elas são polarizadas nas mãos de algumas pessoas, o que, conseqüentemente, não reduz as desigualdades de gênero existentes dentro das academias, mas desresponsabilizam o envolvimento das instituições de ensino e deslegitimam qualquer necessidade de investimento da participação política, haja vista as demandas serem maiores do que comportam as ações do “Programa amanhã”, o que o torna de caráter privativo e sendo promissor a exclusões em larga escala. Em análise do perfil, percebemos que houve uma mudança do objetivo inicial, que era voltado para ações de parentalidade e, com a reformulação, passou a se apoiar nas mães na ciência, propondo políticas de apoio e estabelecendo ações e programas de apoio em todo o Brasil. Outra mudança feita foi a

demarcação de territorialidade⁶, que antes era fixada apenas na região central, passando agora a manifestar-se nas cinco regiões do Brasil através das embaixadoras.

Sobre as publicações feitas, a maioria traça dados categóricos sobre as vantagens e desvantagens de gênero na ciência, no trabalho e nas relações dos cuidados com os/as filhos/as. Há informações sobre portarias do MEC no que concerne ao direito de lactantes em locais públicos, também de licença-maternidade, a inclusão da maternidade no lattes e a disponibilização de recursos financeiros a eventos científicos para fins de atendimento ao público infantil que pais estejam participando. O foco central do perfil é fazer com que reconheçam e valorizem pais e mães cientistas por meio de apoio e acolhimento dentro dos espaços acadêmicos. O aquecimento principal das postagens é quando referencia as distribuições de bolsas de produtividade em pesquisa entre mulheres, fato que é desigual, segundo Fernanda, há mais de 07 anos, tendo como uma das causas apontadas a presença da maternidade.

- Perfil 2 @maesqueescrevem

O segundo perfil tem como representante Joice Melo, autodeclarada indígena do povo Tupinambá de Olivença, mãe solo de um filho de 12 anos, diagnosticada com transtorno bipolar, formada em Letras, com pós em comunicação e marketing. Além disso, é autora de três livros, um com estilo literário em forma de poesia, outro em forma de antologia, e o último, que conta os relatos de experiência de uma bipolar. A página surgiu virtualmente em julho de 2018 e já conta com 12 revistas digitais publicadas, mas sua trajetória inicial foi em 2016 através de encontros presenciais realizados em toda a região de São Paulo, como o coletivo chamado de mães feministas, realizando escutas, acolhimento, aulas de redação para mães, entrega de fraldas e ajudas financeiras às mães em estado de vulnerabilidade social. Assim, com o esvaziamento das mães aos encontros Joice Melo optou pela criação de uma página virtual, primeiramente um blog e posteriormente o Instagram. A proposta da autora é questionar a romantização do papel materno, de que ser mãe traz felicidade, de que tem que dar conta de tudo, em detrimento do próprio adoecimento e

esquecimento de si. E esse sentimento é recorrente na maternidade, pois implica a afirmação de ser uma boa mãe, já que deve corresponder às expectativas da prática maternal.

A conta possui 15, 6 mil seguidores/as, com 1.691 publicações, onde às mulheres compartilham suas experiências maternas, como desabafos, poesias, artigos, notas, ilustrações, contos, crônicas, depoimentos e dificuldades em maternar, compondo a revista digital. Considerada a primeira revista digital independente e colaborativa é uma iniciativa sem fins lucrativos, visando a sororidade, exclusivamente feita por mães, mães por adoção, tentantes, madrastras e gestantes, totalizando mais de 1000 textos produzidos. Na pauta do site, é possível identificar assuntos como o cotidiano, a maternidade, a criação dos/as filhos/as, o trabalho, a sociedade, os relacionamentos e desabafos em geral. O projeto ainda oferta serviços à saúde mental materna, com o auxílio de psicólogas que atendem a preços acessíveis, que variam de R\$0 a R\$ 80 reais.

Em um vídeo postado dia 04 de junho de 2023 pela criadora da página virtual, ficam os desabafos sobre o árduo trabalho feito e as limitações vivenciadas pela autora, que tem diversas demandas fora das redes sociais. Mencionamos o seguinte trecho:

E a gente só não está melhor, porque a gente não é uma mãe branca que tem dinheiro e contatos na mídia, eu não tenho nada disso, tudo que a gente conquistou na mídia não foi nada pago, foi tudo orgânico com trabalho e muito trampo [...]. Nada é feito para ganhar dinheiro, o intuito aqui não é ganhar dinheiro, dinheiro é bom porque a gente precisa para poder fazer coisas, quero fazer encontro eu não sei onde vou tirar dinheiro para fazer encontro, quero fazer revista impressa, eu não tenho dinheiro pra fazer revista impressa... não tenho contatos no governo eu não tenho nada disso, mas tenho a vontade de dar uma rede de apoio, mas não tenho nada disso (desabafo feito em 04 de junho de 2023 por Joice Melo)³.

Esta fala nos possibilita ampliar as discussões relacionadas aos marcadores sociais de classe e raça. A influenciadora afirma que suas condições limitantes vêm em relação a sua

³ @maesqueescrivem, 2023, “Só um desabafo”, Instagram, 04 de junho de 2023. Url: <https://www.instagram.com/reel/CtF2e-rrF4Y/?igshid=NzZhOTFIYzFmZQ==>

cor e à questão de renda, e isso, segundo ela, automaticamente interfere nas relações e interações sociais que venham a colaborar para a divulgação de seu trabalho nas redes. De acordo com Ishida (2018), o aumento do número de seguidoras faz menção à noção de capital social, ligada aos/às influenciadores/as digitais, afirmação presente na fala de Joice.

A influenciadora ainda desfaz qualquer entendimento a respeito da ligação do perfil com questões financeiras, ou destaques para visibilizar-se a si mesma. A única preocupação é proporcionar ao público de mães um retorno para suas angústias e dores advindas das demandas da maternidade através de uma rede de apoio. Sinaliza, por fim, o desejo em ofertar um melhor acolhimento nos encontros presenciais e a possibilidade de ofertar revistas impressas para o alcance maior de leitoras mães.

- Perfil 3 @nucleomaterna

O terceiro perfil é administrado por Mithaly Corrêa, branca, casada, mãe de três filhas, licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ativista pelos direitos maternos na universidade. O perfil surgiu no Instagram em junho de 2020, e atualmente conta com 2.187 seguidores/as e 405 publicações. A finalidade da página é visibilizar e incentivar os estudos em maternidade em todos os espaços, em especial o espaço universitário, se debruçando sobre os temas: mulheres, maternidade, gênero, infância e interseccionalidade. Possui como parceria o Projeto de Extensão Universitária da UFRJ, que visa a permanência e a progressão da carreira de mulheres-mães e, dentro das ações, promover cursos, minicursos, orientação vocacional, acadêmica e psicológica, oficinas, rodas de conversas, debates e seminários. Para tanto, já realizou dois seminários voltados para maternidade e universidade da UFRJ. A organização deles de forma virtual possibilitou a inclusão e a acessibilidade de mães diversas. Os cursos realizados foram Estudos Críticos da Maternidade, em 2021, e escrevendo sobre maternidade desafios teóricos-metodológicos, em 2022, sendo divulgados pelas mais diversas mídias digitais, e não foram cobradas taxas de inscrição.

Ao visitarmos o site, localizamos oito artigos escritos por mães, que tratam de assuntos de enfrentamentos dentro do ambiente universitário, como: as ações afirmativas e as redes de apoio; a trajetória de mulheres negras pesquisadoras; o direito do trabalho na maternidade; a história dos coletivos de mães universitárias; a mãe negra, periférica, professora e pesquisadora em tempos de covid-19; a visão dos docentes acerca da mãe universitária; a gravidez na Graduação, e o olhar social e psicanalítico sobre a maternidade. E as colunas: o arrependimento materno; identidade feminina; boa ou má mãe, e a visão da medicina em referência ao feminismo. Estas temáticas movimentam os ambientes digitais e expõem as posições acerca de práticas e papéis femininos que necessitam ser questionados dentro da sociedade e, mais precisamente, na academia, um lugar que consideramos ter reflexões e de incursões de pensamento crítico da realidade. Braga (2021) considera que, com o reconhecimento da existência de preconceitos e tabus, as mães encontraram a saída através de soluções 18 individuais, que são os ambientes digitais, que trazem acolhida, recepção de discursos, depoimentos, relatos, testemunhos e apoio.

- [Perfil 4 @mmi.ufpe](#)

O quarto perfil é coordenado pela professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE, Maria Collier de Mendonça, branca, mãe de uma filha. É um projeto de extensão de iniciativa do grupo de pesquisa publicidade híbrida e narrativa de consumos juntamente com a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPE. Trata de representações, significados e implicações sociais que circulam nas mídias sobre maternidade, maternagem e infância. Tem como público-alvo estudantes e professores/as da UFPE e outras instituições, mães, pais e profissionais e pessoas interessadas nos estudos da comunicação, educação e sociologia. No total, são duas professoras, um professor e seis estudantes divididos entre Graduação e Pós-Graduação. A conta surgiu em agosto de 2021, e possui 175 publicações e 917 seguidores/as. Em análise, percebemos que os temas aplacam a categoria maternidade no mundo midiático e, por esta razão, o projeto atua firmemente nas mídias para garantir a representatividade.

As publicações feitas possuem muitas visualizações, porém, percebemos contrastes em referência às curtidas e comentários feitos, o que nos leva a questionar por que ocorrem poucas interações sociais, haja vista um alto percentual nos views. O que nos remete novamente à ideia de capital social e cultural para estas interpretações. Bourdieu (1999) explicita que, na estrutura social, o sistema é hierarquizado de poder e privilégio e tem relação com questões materiais/econômicas, simbólicas (social) e cultural, desse modo, o público que acompanha a página virtual pode não compreender as informações detalhadas pelo alto teor instrutivo, que vai recair sobre fatores determinantes da estruturação das noções de capital abordado por Bourdieu. É preciso, sobretudo, destacar que, apesar de ser um recurso midiático e de acessibilidade a muitas pessoas, não se pode deixar de incluir formas de comunicações diversificadas para o entendimento, pois compreendemos que quem está por trás das telas possui orientações educacionais diversas que podem não corresponder à recepção da mensagem.

Neste processo interativo, é preciso uma preocupação com os códigos utilizados, que passa pelo crivo das funções da linguagem, como o/a emissor/a – seu posicionamento, carisma; o/a receptor/a – que, dependendo da mensagem e da forma de entrega, pode recebê-la ou não; a mensagem – a maneira de conduzir o assunto pode atrair ou repelir; o código – que equivale à tonicidade da fala, a forma da escrita e os gestos; o canal – que é o veículo que a mensagem circula e, por fim, o contexto – neste momento, são inseridos a situação e o lugar que se encontra o/a receptor/a (VANOYE, 2003). Estes fatores relacionados pairam novamente sobre o debate dos três capitais mencionados e nos provoca reflexões: a qual públicos são direcionados? Por que a linguagem acadêmica propõe relativização em seus discursos? Como alcançar quem precisa, e não somente os que detêm de poder e privilégios?

- [Perfil 5 @maternienciac.ufu](#)

Em última análise, veremos este perfil coordenado por Mara Rúbia, negra, mãe solo de um filho, professora da UFU e doutoranda no PPGEL – UFU. A partir das dificuldades em

conciliar a maternidade, o trabalho e a pesquisa, criou o projeto de extensão Materniência (Maternidade e ciência), que tem como objetivo criar um espaço de discussão sobre as mulheres mães na pesquisa, sendo aberto as todas as pessoas interessadas, e os encontros são on-line pelo Google Meet, no último sábado de cada mês. O perfil conta com 21 publicações, 245 seguidores/as e suas postagens são voltadas para a integração da mãe/mulher no campo científico, visando discussões e reflexões sobre as diversas discriminações na Graduação e Pós-Graduação. Sobre perfis de mulheres negras, podemos refletir sobre o baixo engajamento referente à presença dos marcadores sociais de raça/cor, exigindo das vozes negras, especialmente em contextos virtuais, uma efetividade ainda maior e um esforço extremo para o alcance de seus objetivos.

Algo relevante neste perfil é não se destinar a apenas ao público dessa categoria de raça/cor, o que, por um lado, aproxima maternidades plurais, mas pode se perder as pautas centrais dos movimentos negros, que, a partir do contexto histórico brasileiro, comportam dinâmicas multifacetadas e com consciências de ativismo da negritude. Sobre estas compreensões, percebemos os atravessamentos e os preconceitos direcionados aos debates sobre maternidade dentro da academia, além do estabelecimento do próprio espírito competitivo nas relações presentes no campo acadêmico. E, se olharmos a partir da produtividade, vemos que há um lapso temporal nas produções científicas da mãe. Porém, lançamos uma curiosidade sobre estas percepções, que não foram relacionadas à questão raça/cor, será que foi por conta do capital social da coordenadora do perfil? Ter capital cultural e estar em destaque dentro da acadêmica invisibiliza a pauta de mulheres cientistas negras? Ou o campo acadêmico inserido por ela acolhe a mãe negra?

Sobre o espírito competitivo, AUTOR (2013) afirma que, entre acadêmicos/as, corrobora para uma centena de problemas de ordem emocional e, conseqüentemente, física, fazendo com que utilizem substâncias para curar e prevenir doenças. Ainda podemos relacionar a produtividade com a questão de ordem cultural, em que o ambiente refletiu a forma masculina, considerado mais racional, menos emotivo, e os valores femininos sempre

tiveram associados à sensibilidade, à passividade. Esta lógica binária afeta diretamente o campo profissional e salarial, estabelecendo a naturalização de modelos comportamentais em que as mulheres são exclusivas do ambiente doméstico. E, quanto ao capital acadêmico, é destacado que as mulheres somam um número maior, no entanto, os homens, por somarem mais capital científico, têm mais chances de concorrerem a bolsas de produtividade de níveis elevados e ocupações em cargos de maior prestígio, e isso está diretamente ligado por questões de gênero, mas também por relação ao ser mãe, que é, essencialmente, ligado à figura feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia desse ativismo materno nas redes sociais é bem válida e enfatiza os debates pertinentes às experiências maternas em comum, formando um elo e uma rede de apoio, contudo pontua algumas instabilidades, constatadas nos perfis analisados. Em referência ao @parentinscience, verificamos que utiliza recursos financeiros próprios ou fornecidos por terceiros que comungam da causa para atender às necessidades de algumas mães que não têm como se manter no curso por necessidade de trabalhar ou de direcionar cuidados ao filho/a, e isso recai, preferencialmente, em medidas de caráter filantrópico e assistencialista, sendo ações meramente reparadoras, que não dão a possibilidade de lutar pelos direitos, e isso é oposto à implantação de políticas públicas. Em contrapartida, se o movimento necessita de recursos financeiros da sociedade, por que não há divulgação do orçamento público? Entendemos que assumir os encargos concernentes às responsabilidades estatais e governamentais não sana os problemas e tira a autonomia e a visibilidade da existência de demandas que envolvem a maternidade no ambiente universitário. Percebemos, desse modo, uma romantização e um essencialismo nos discursos sobre maternidade e produtividade científica, conduzindo a uma visão eurocêntrica e de supremacia branca, pois não dá para equalizar e discutir direitos maternos baseando-se em discursos hegemônicos e unificados, pois compreendemos que a questão da maternidade, logo do trabalho do cuidado que ainda sobrecarrega e responsabiliza a grande maioria das mulheres, há

particularidades que operam na interseccionalidade no campo acadêmico que devem ser conhecidas e reconhecidas.

Uma das marcas que presenciamos na instauração destes movimentos virtuais é a representatividade centrada em mulheres/mães brancas, que possuem engajamento social, econômico e político, com foco nas regiões Sul e Sudeste, o que colabora para centralizar o pensamento e reprimir as demais classes, raças e localidades periféricas. Não diferente, os movimentos sociais feministas tiveram início com mulheres brancas, com poder e europeizadas e claras, e suas pautas atendiam a esse público, assim, vemos esta repetição dentro do surgimento dos movimentos maternos virtuais. Nesse meio-termo, enfatizamos que a noção de interseccionalidade afugenta as verdadeiras razões do próprio conceito, pois falar em interseccionalidade não significa apenas incluir políticas ou propostas de inclusão das minorias desfavorecidas pelos diversos marcadores sociais, mas, sim, garantir a elas, na mesma proporção que as demais maternidades, sua inclusão condicionada às necessidades e pautas requeridas por elas e somente, assim, alcançar o objetivo de sua proposta.

Apesar da abertura para a inclusão de mães, com cursos para sanar o desfalque na academia diante das exigências maternas, e questões de cuidados com membros familiares e o lar, cabe a nós questionarmos quais mães são contempladas? E embora, os perfis permitam um amplo acesso informacional, com vídeos e discussões centradas, eles infringem à existência de capitais culturais, sociais e econômicos para a garantia do acesso ao conteúdo. Desse modo, propor políticas interseccionais no ambiente universitário requer a democratização do trabalho de cuidado, logo, a coparticipação do Estado e o envolvimento dos pais, ou seja, da paternidade consciente, pois a maternidade é uma rede complexa, que envolve pessoas, desde parentes até trabalhadoras do cuidado e instituições. Vale ressaltar que as instituições universitárias apresentam diferentes histórias de criação de seus programas de Pós-Graduação e, conseqüentemente, culturas acadêmicas locais e recursos diferenciados a partir das gestões e posicionamentos políticos. É preciso analisar a

diversidade e as diferenças entre as mulheres mães e estabelecer coalizões com os movimentos feministas, movimentos negros e sindicatos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. R. **O doutoramento: A odisseia de uma fase de vida**. Lisboa: Editora Colibri, 2006.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006. 23

BRAGA, A. Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais. In: OLIVEIRA CRUZ, M. F; MENDONÇA, M.C. (org.) **Maternidade nas mídias**. Santa Maria, RS: FACOS UFSM, 2021, p. 17 – 39.

BATTHYANY, K. (Org.) **Miradas latinoamericanas a los cuidados** / Irma Arriagada Acuña... [et al.]; coordinación general de 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México DF: Siglo XXI, 2020. Libro digital, PDF - (Miradas Latinoamericanas).

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Jadaíra, 2018.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação** / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição. pp. 71-79.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**. São Paulo: Boitempo, 2022.

GILL, R. Análise do discurso. In.: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 244 – 270.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, B. **Teoria Feminista: Da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

ISHIDA, G. Métodos para identificação e características de influenciadores em mídias sociais. In: SILVA, T; BUCKSTEGGE, J; ROGEDO, P. (orgs.). **Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais**. Brasília: Editora IBPAD, 2018.

OLIVEIRA-CRUZ, M. F; MENDONÇA, M. C. (org.) **Maternidade nas mídias**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021.

VANOYE, F. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.